

plicam um processo e umha gradação com diferentes passos, como já manifestou Dom Ricardo Carvalho Calero nom poucas vezes a quem quijo entender, para conseguir a reintegração “até a sua confusom com o português” como predicou Castelao em carta a Sanchez Albornoz. Esse é o autêntico debate e nom outro.

2-Com isto também quero dizer que de repente parece que todo o mundo aceitou sempre o achegamento à variante do Sul, todo o mundo é reintegracionista desde sempre, mas se isso fosse assim, a quê veu a operação do 82 pola qual se optou por umha norma (mal) chamada oficial quando havia outra anterior, a do 80, que abria as portas ao que hoje estamos debatendo? A que vem inventar formas como “afeccionado”, “delicto”, “filharmónica”, “subhasta”, “beirarrúa”, etc, para nom falar da castelhanização de formas como “Galicia”, “dicir”, “oir”,...? Acaso é mais difícil que entre na mente e na fala dos galegos “Galiza”, “dizer”, “ouvir”, “delito”, “filarmónica” que, por exemplo, “quenda”, “ata”, “pobra”...?

3-Estamos de acordo também, como se tem publicado, em que o fundamental é a normalização dos usos, mas veja-se que nos últimos vinte anos, tempo de hegemonia da norma do 82, o galego tem retrocedido nom pouco, como mesmo se reconhece no livro publicado pola R.A.G. “Usos lingüísticos en Galicia” e nom precisamente pola existência do reintegracionismo militante, pois este foi totalmente apagado dos meios de informação e demonizado até extremos que nom qualificaremos. O retrocesso e a norma do 82 estavam e ainda están inseridos dentro dumha mesma política lingüística que tem por finalidade instalar na Galiza definitiva e totalmente a língua de Castela. Esquece-se também que quando se fala de normalizar umha língua como o galego, isto implica que se devem recuperar formas morfológicas, ortográficas, sintáticas ou reconstruir campos léxicos inteiros sobre todo no âmbito culto e científico. Se cubrimos isso com flagrantes castelhanismos ou com inventos de laboratório nom estamos normalizando a língua que

Nom se pode normalizar o galego se introduzimos léxico, ortografia, sintaxe e morfologia castelhanas.

dizemos normalizar, mas sim fazendo manobras estranhas que tenhem por fim enganar todos aqueles que están menos impostos no tema, quer dizer, faise que se fai para acabar nom fazendo nada e que com isso fique todo o mundo contente. Daí a incongruência de dizer que primeiro é normalizar e depois normativizar, como incongruente é discutir que foi primeiro, o ovo ou a galinha. Do ponto de vista de qualquer lingüista normal ambas as cousas vam parrelhas, nom se pode normalizar o galego se introduzimos léxico, ortografia, sintaxe e morfologia castelhanas. ♦

JOSÉ MANUEL BARBOSA

A Nosa Terra 912, 9
Dezembro 1999, p. 20

Achegas para umha mudança necessária

Estes dias estamos assistindo ao primeiro debate público real entre as duas teorias sobre o galego que ocupam a todos os interessados polo nosso idioma. Desde que a finais dos 70 e começos dos 80 se organizou o reintegracionismo submetido durante quase vinte anos ao ocultamento e à catacumba, por causa dumha política lingüística intolerante que gozou da cumplicidade de muitas personagens com certo destaque, esta é a primeira vez que saem à luz manifestações minimamente comprometidas de pessoas com certa relevância. Aproveitando isto há que dizer:

1.- Do nosso ponto de vista, e dada a discussom sobre umha nova norma, nom se trata tanto de fazer umha nova como de determinar se galego e português som a mesma língua ou nom. No caso de que nom o sejam, nom se precisa outra norma diferente da que utiliza a oficialidade, nom é necessário achegar o galego ao português, mas, se o galego e o português som a mesma língua, devemos ser coerentes até as últimas conseqüências. Outra cousa totalmente diferente som as estratégias a seguir, já que estas im-